

ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS COMO MARCADORES CULTURAIS DO SÍTIO FURNA DO ESTRAGO, BREJO DA MADRE DE DEUS – PE

Rayanne Aguiar Pimentel e Silva¹

Viviane Cavalcanti de Castro ²

Daniela Cisneiros³

Resumo: A preocupação humana em proteger ou preservar seus mortos, leva à transmissão e perpetuação das práticas funerárias através de gerações. O estudo dos enterramentos pré-históricos necessita ir além da descrição da cova e do esqueleto para atingir o corpo social, e, para isso o estudo dos marcadores culturais individuais e/ou coletivos de grupos humanos, através dos acompanhamentos funerários, pode ser uma importante e sólida ferramenta. Essa pesquisa teve como objetivo a identificação dos acompanhamentos funerários, no contexto das práticas funerárias, do sítio Furna do Estrago. Para tanto foi utilizado a abordagem teórico-metodológica da Arqueologia da morte. Os acompanhamentos funerários foram analisados através de seus próprios constituintes, em perspectivas técnica, morfológica e funcional relacionados a dados biológicos de sexo e idade. Os resultados indicam que os acompanhamentos funerários são constituídos por elementos de representação coletiva e individual. **Palavras-chaves:** Práticas funerárias, Acompanhamentos funerários, Marcadores culturais.

Abstract: Human concern to protect or preserve their dead, leads to transmission and perpetuation of funerary practices through generations. The study of prehistoric burials needs to go beyond the grave description and the skeleton to reach the social body so that the study of individual cultural markers and/or collective human groups through the funeral accompaniments can be an important and solid tool. This research aimed to identify the trousseau funeral, in the context of funerary practices, the Furna do Estrago site. For this we used the theoretical and methodological approach of Archaeology of death. The trousseau funerals were analyzed by their own constituents in technical perspectives, morphological and functional related to biological data of sex and age. The results confirm the hypothesis that the graves that hold trousseau funeral consist of elements of collective and individual representation. **Keywords:** Funerary practices. Trousseau funeral. Cultural markers

¹ Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail rayanneaguiarpimentel@gmail.com.

²Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail viviane.castro@ufpe.br

³ Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; E-mail danielacisneiros@yahoo.com.br

Introdução

O universo funerário vem sendo estudado por diversas ciências preocupadas com o repertório cultural de grupos humanos, como a História, a Etnologia e a Arqueologia, e, tais estudos vêm demonstrando que os mortos foram e são objetos de preocupação nas mais variadas sociedades e culturas, mesmo em cronologias bastante recuadas. Desde o Pleistoceno Superior, sepultamentos elaborados com a presença de elementos da cultura material junto aos esqueletos, desde adornos até ferramentas são indicativos de que, para além da preocupação com o corpo, poderiam existir no contexto funerário traços de representação inerentes ao grupo.

Considerando o Nordeste Brasileiro, estudos desenvolvidos sobre a abordagem da Arqueologia Funerária, diagnosticaram sítios cemitérios nesta região, como a Gruta do Padre, a Pedra do Alexandre, o sítio Justino e o sítio Furna do Estrago (Martin 2008) que se destacam não apenas pelos vestígios ósseos humanos encontrados, mas também pela cultura material associada demonstrando a relevância dos acompanhamentos funerários nos estudos da Arqueologia funerária.

O estudo dos acompanhamentos funerários pode ser realizado, por exemplo, no aspecto técnico, da funcionalidade, da morfologia e no simbólico. Também podem estar atrelados ao uso cotidiano ou ritual, coletivo, individual, e podem retratar diferenciações sociais, de sexo, gênero, idade, entre outros. No Nordeste os estudos que se dedicam a relevância dos acompanhamentos funerários têm aumentado nos últimos anos (Silva 2010, 2013, 2017; Silva, Carvalho & Queiroz, 2014; Soares, 2019; Santos, 2020).

O sítio Furna do Estrago, objeto de estudo dessa pesquisa, destaca-se por possuir um rico acompanhamento funerário e pela significativa conservação de seus remanescentes ósseos. O estudo em questão centrou-se nos acompanhamentos funerários⁴ evidenciados nos sepultamentos resgatados no sítio Furna do Estrago, localizado no município do Brejo da Madre

⁴ Foi adotado aqui o termo acompanhamento funerários, para os elementos da cultura material que acompanham o corpo de indivíduos nas práticas funerárias. Pode-se referir a esses mesmos elementos com outras terminologias, tais como: mobiliário funerário, enxoval funerário, materiais associados, acompanhamentos funerários, fardo funerário, entre outros.

de Deus, no agreste de Pernambuco. Tem como objetivo identificar, nestes objetos, marcadores culturais individuais e/ou coletivos dos grupos humanos que utilizaram a Furna do Estrago como local para suas práticas funerárias.

A coleção arqueológica da Furna do Estrago já originou diversas pesquisas, desde as escavações realizadas por Lima (1984a, 1984b, 1985a, 1985b, 2001) nas décadas de 1980 e 1990. A grande maioria de estudos realizados foi na perspectiva da Bioarqueologia como, por exemplo, os realizados por Carvalho (1992 1995); Carvalho, Queiroz, Moraes (2007); Mello e Alvim, Mendonça de Souza (1984); Mendonça de Souza, Mello e Alvim (1992); Mendonça de Souza (1995); Rodrigues (1997), e continuam até hoje como, por exemplo, Alencar (2015). Sob a perspectiva da Arqueologia Funerária podemos mencionar Martin (1994 2008), Cisneiros (2004); Castro (2009); Lima (2012); Oliveira, Castro (2013); Leite, Castro, Cisneiros (2014); Lima, Castro, Moraes (2019). Essas pesquisas possibilitaram discutir a identificação de padrões de sepultamentos, de marcadores coletivos e individuais, caracterização biológica e cultural, indicadores de gênero, relevantes para a fase de ocupação do sítio como cemitério e auxiliaram na compreensão da caracterização dos sepultamentos e dos indivíduos. O trabalho de Souza (2018), por exemplo, avalia os estudos realizados na Furna do Estrago através de uma revisão crítica da literatura ressaltando a importância do sítio e propondo novas perspectivas.

O sítio Furna do Estrago corresponde a um abrigo sob rocha localizado na meia encosta norte da Serra da Boa Vista a uma altitude de 650 m (Figuras 1 e 2). O relevo faz parte do Maciço da Borborema com afloramentos de rocha cristalina nos pontos mais elevados e de matacões dispersos por todo cenário ambiental.

⁵ As pesquisas arqueológicas realizadas neste sítio ocorreram durante os anos de 1982, 1983, 1987, 1994 e 1996 através de breves campanhas arqueológicas. Essas campanhas foram responsáveis pela escavação de 15 m² da área coberta, restando ainda 76 m² disponíveis para futuras intervenções arqueológicas.

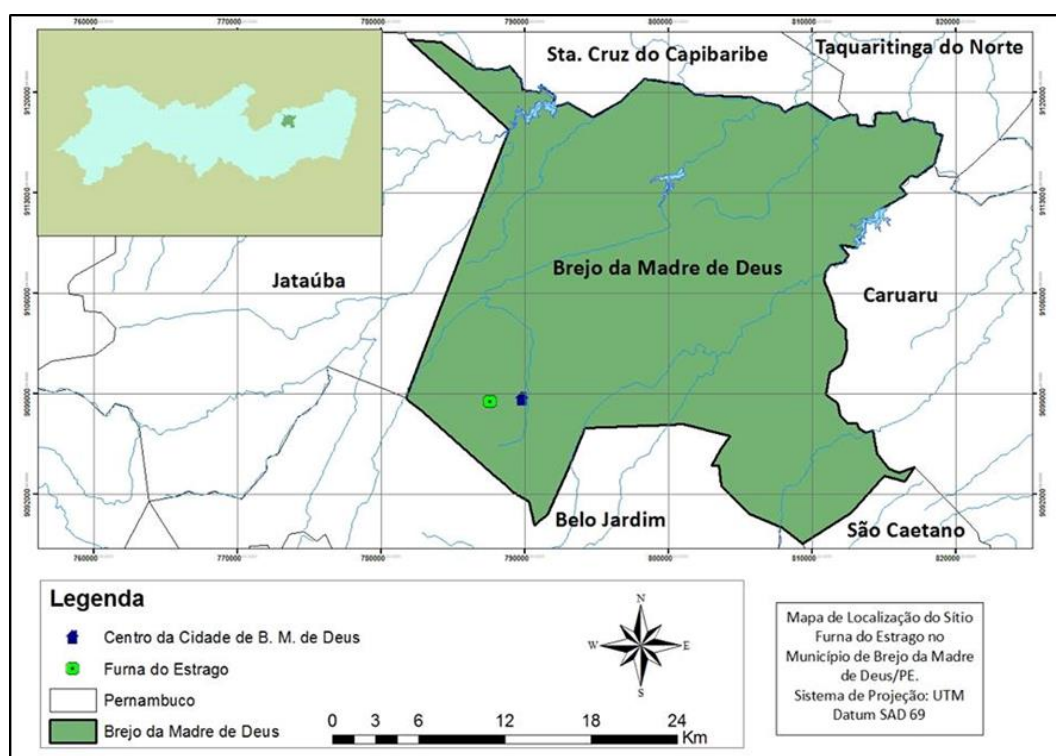


Figura 1: Mapa de Localização do Sítio Furna do Estrago. Elaboração: Lucas Bonald.

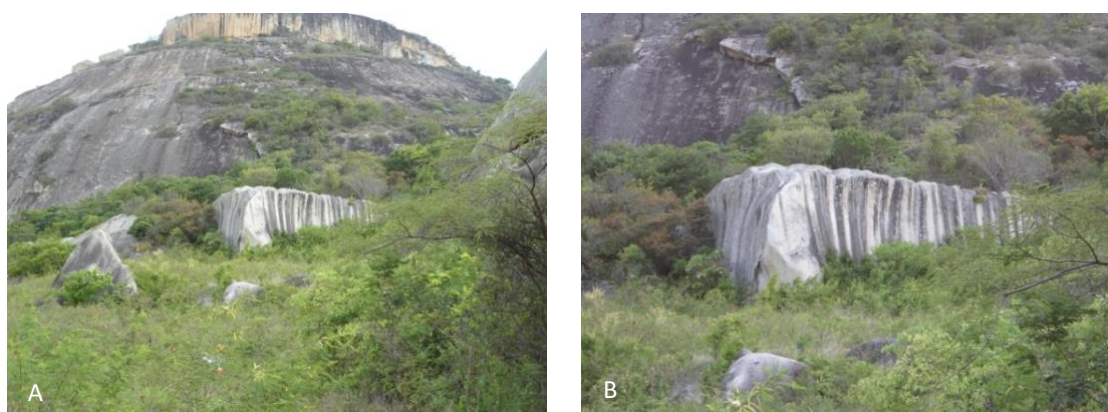


Figura 2: A: Vista do abrigo sob rocha onde se localiza o Sítio Furna do Estrago. B: Detalhe da vista do abrigo Furna do Estrago. Fonte: Viviane Castro

A Prática e os Rituais Funerários

A morte não anuncia a desintegração imediata do corpo, e sim, o início de um processo lento de decomposição do material orgânico. Para Morin (1997) o horror diante da desfiguração, o odor fétido, poderia ter levado os primeiros grupos humanos a procurarem um destino para o corpo.

Contudo, isso não explica o cuidado e a atenção para com os objetos (acompanhamentos) junto aos corpos e as ornamentações das sepulturas.

O destino do corpo é dado de diferentes formas, de acordo com o grupo em que se está inserido, cujas variáveis, segundo cada grupo cultural, ocorrerão de acordo com o sexo e/ou idade do indivíduo, o *status* que ele exerce dentro do grupo, assim como o modo ou motivo da morte.

Arqueologia das Práticas Funerárias é o segmento que aborda o estudo das práticas desenvolvidas e atreladas ao momento da morte e à pós-morte, agregando valores e simbolismos existentes por trás da mesma. O estudo das práticas é de suma importância para a compreensão das ações realizadas no momento do ritual, que se tenta inferir através dos vestígios da cultura material coletados em contexto funerário, conjuntamente com os remanescentes ósseos. Desta forma a Arqueologia das Práticas Funerárias trata sobre o estudo dos rituais funerários, englobando seus aspectos biológicos e culturais (Cisneiros 2004).

Van Gennep (1960) considera as práticas funerárias como ritos de passagem. Esses ritos⁶ em torno da morte desenvolvem-se em três fases: *rito de separação*, quando o indivíduo morre, não pertencendo mais ao mundo dos vivos; *rito de transição*, quando ocorre o sepultamento para que seu corpo fique salvaguardado e ele encontre o caminho dos mortos, e *rito de incorporação*, quando este é integrado novamente ao mundo dos vivos em espírito.

As práticas funerárias, enquanto ritos de passagem, expressam desta maneira um comportamento social e ideológico. A morte é um evento social, o ponto de partida de um processo cerimonial, por meio do qual a pessoa morta torna-se um antepassado, e, poderá ou não, dependendo do ritual, continuar a existir em outro lugar não visível.

Os sepultamentos no contexto ritual são fontes de informações para o entendimento das sociedades humanas. O'Shea (1984) enumerou atributos que contribuem no reconhecimento e organização deste estudo, a partir da variabilidade existente entre os vestígios funerários: os aspectos biológicos, a preparação e tratamento do corpo, o sepultamento propriamente dito,

⁶Os ritos são compreendidos aqui como ações ou sistemas de ações em que há um predomínio do sistema simbólico (Van Gennep, 1960).

os acompanhamentos funerários, os aspectos locacionais e os aspectos ambientais. A identificação desses atributos remete as práticas deliberadas no momento da morte.

Os atributos citados por O'Shea (1984) se refletem nos elementos que da *tríade componencial* que é composta por corpo, cova e acompanhamentos funerários como citado por Silva (2005-2006). Sob esta abordagem é perceptível traços do processo de preparação do corpo, que retomam ao momento do ritual. São na verdade elementos descritivos do sepultamento que ao serem estudados nos permitem a compreensão de parte dos ritos funerários.

As representações materializadas no contexto funerário recaem sobre diversos aspectos, podendo influir, por exemplo, sobre gênero, status, sexo, religião, profissão (Castro 2009). Destacam-se na materialidade dos sepultamentos os acompanhamentos funerários, que estão junto ao corpo do indivíduo e indicam uma relação com o mesmo, seja individual e/ou coletiva, rememorando marcadores culturais relativos ao grupo ao qual o indivíduo estava inserido.

Os Acompanhamentos Funerários

Consideram-se como acompanhamentos funerários todos os objetos que acompanham e estão associados aos remanescentes ósseos como os adornos (pingentes, contas de colar, tembetás), instrumentos musicais, materiais cerâmicos e/ou líticos dispostos nos sepultamentos, materiais faunísticos, materiais orgânicos, envoltórios (como esteiras).

Para Silva (2005-2006) os acompanhamentos funerários podem ser analisados diante de uma perspectiva contextual que leve em consideração o processo de deposição funerária, incorporando os aspectos biológicos e culturais. O estudo dos acompanhamentos pode propiciar inferências acerca das técnicas de elaboração assim como das funções desses objetos, que podem ser múltiplas ou indicando de status social, ou diferenciação de gênero ou etário. Ainda de acordo com Silva:

Os acompanhamentos fornecem dados sobre seu uso como objeto ritual funerário, de uso cotidiano ou adornos; procedência, indicando as áreas de captação de matéria-prima; sobre a caracterização tecnológica do grupo; sobre sua frequência em relação ao sexo, idade e posição social, bem como inferem situações de contato culturais e possíveis formas de subsistência baseadas nas atividades de caça, coleta, pesca e/ou horticultura (Silva 2005-2006: 115).

Em relação ao estudo do uso/função dos objetos presentes no contexto funerário duas possibilidades podem ser aventadas: primeiro de que foram utilizados pelo grupo em questão, e são produtos de uso cotidiano, utilizados e ativos na vida do indivíduo ou do grupo; e nesta perspectiva demonstram a identidade cultural dos indivíduos que constituem o mesmo (Azevedo Netto 2010). Na segunda possibilidade os objetos podem ter sido confeccionados, exclusivamente, para o contexto ritual, obtendo um significado que pode ser interpretado como simbólico.

O'Shea (1984) no tocante ao estudo dos acompanhamentos atribuiu a adesão de categorias que nos remete as informações, como variedade, quantidade, qualidade e material. A disposição dos acompanhamentos na sepultura é relevante também e deve ser documentada com clareza, pois contribui e funciona como indicativo para a função desse objeto.

Em relação a disposição espacial dos acompanhamentos no contexto funerário existe uma variabilidade (podendo estar localizado em distintas partes do esqueleto, sobre o corpo, abaixo do corpo, nas laterais, na cabeça, entre outros). Assim, a observação e análise minuciosa dos objetos (acompanhamentos) e suas características são indicadores das ações intencionais e não intencionais, como também das executadas durante a preparação do corpo e/ou durante a deposição do cadáver, ou da realização do ritual.

Alguns estudos desenvolvidos sobre práticas funerárias no nordeste brasileiro (Cisneiros 2004; Vergne 2005; Castro 2009; Guidon, Luz 2009; Leite 2011; Luz 2014) não trataram diretamente e especificamente sobre os acompanhamentos funerários, mas discorreram sobre associações destes com o contexto funerário.

Contudo, já há pesquisas desenvolvidas em específico sobre os acompanhamentos funerários tanto no Brasil como na região Nordeste. Na área arqueológica de Xingó estudos foram realizados nesta temática: a análise da diversidade de adornos no sítio Justino foi proposta por Silva (2010); Cruz (2012) estudou os acompanhamentos funerários do sítio São José II; Silva (2013) analisou as características morfológicas e o tipo de matéria-prima utilizada na confecção dos adornos presentes nos sepultamentos do sítio Justino; Neste âmbito também Silva et al (2014) utilizaram o termo "Arqueologia dos Adornos" retratando uma abordagem técnica com a elaboração da cadeia operatória dos mesmos. Em continuidade Silva (2017) realiza um estudo

técnico e morfológico dos adornos de quatro sepultamentos do sítio Justino que possuem em seus acompanhamentos contas em vidro e contas indígenas com o objetivo de estabelecer cronologias e comprovar o contato entre nativos e europeus. Queiroz, Guérin, Silva, Faure e Carvalho (2018) estudaram as alterações morfológicas identificadas em 16 pingentes de ossos de *Mazana* que estavam associados com a sepultura 118 do sítio Justino.

Em outras áreas do Nordeste, Cardoso (2011) analisou em contexto funerário nos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Sergipe, os adornos que utilizam como matéria-prima o material faunístico. Gomes (2012) estudou as fibras trançadas como indicadores de traços culturais em sepultamentos indígenas. Soares (2019) estudou os acompanhamentos funerários (contas de colas e pingentes) do sítio Lajedo do Cruzeiro, em Pocinhos, Paraíba com objetivo de identificar as preferências na matéria-prima, na técnica de confecção e na morfologia. Santos (2020) realizou estudo com os adornos identificados em contextos funerários de sítios arqueológicos pré-históricos do Nordeste, discutindo as tecnologias, os diferentes usos e funções dos adornos.

Aportes metodológicos

Este trabalho direcionou suas investigações a três fontes de consulta: fontes primárias diretas (esqueletos, artefatos e materiais orgânicos); fontes primárias indiretas (documentos produzidos durante os trabalhos de escavação: cadernos e fichas de campo, relatórios, croquis, desenhos técnicos, fotografias) e fontes secundárias. A análise dos acompanhamentos funerários foi realizada nos materiais localizados no acervo do laboratório e nos que estão em exposição no Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco. Ressalta-se que o universo de análise foi constituído dos acompanhamentos dos sepultamentos do sítio Furna do Estrago que se encontravam devidamente identificados e preservados no acervo⁷.

Este trabalho buscou observar recorrências entre os acompanhamentos funerários dispensados aos sepultamentos do sítio Furna do Estrago. A identificação de recorrências exigiu uma

⁷ A destruição parcial e/ou total de alguns acompanhamentos funerários como as palhas, cordéis, e material de fibras trançadas que, na ausência de um trabalho de conservação, ficou exposto às condições que ocasionaram sua destruição, impediu a realização de uma análise pormenorizada neste tipo de material, sendo acessível apenas na revisão da documentação de campo existente e das publicações.

metodologia sistemática, com aplicação das mesmas variáveis a todos os sepultamentos, de modo que fosse possível distinguir os acompanhamentos funerários em relação ao indivíduo. Este estudo optou por aplicar uma metodologia que combinasse o modo como os vestígios arqueológicos têm sido abordados no nordeste aos aportes metodológicos comumente empregados no estudo das práticas funerárias pré-históricas (Cisneiros 2004; Leite 2011; Pessis, Cisneiros, Leite 2014).

O modelo metodológico aplicado segue um viés sistêmico, onde os fenômenos relacionados aos sepultamentos são observados a partir de variáveis pré-estabelecidas, que permitem ordená-los hierarquicamente e relacioná-los entre si (Pessis, Cisneiros, Leite 2014). Para o estudo dos acompanhamentos funerários do sítio Furna do Estrago foi utilizada a proposta de *Unidade Funerária* (Figura 3). Numa perspectiva micro a *Unidade Funerária* é composta pelos elementos que compõem o contexto funerário: *Área Funerária*, *Sepultura*, *Corpo* e *Acompanhamentos*. A identificação das Unidades Funerárias é a base para a caracterização das práticas funerárias realizadas em um sítio arqueológico e contribui para a elaboração do Perfil Funerário do sítio.

Área Funerária

A Área Funerária do sítio Furna do Estrago é constituída por um único salão com 125 m² de área coberta. Tem 19 m de comprimento com abertura voltada para nordeste, 4,80 m de altura e 8,80 m de profundidade. Os 87 indivíduos exumados estavam concentrados e em alguns casos organizados em conjuntos, embora não foi possível identificar uma demarcação formal para todos os sepultamentos. Ressalta-se que o sítio não foi totalmente escavado podendo haver outros sepultamentos.

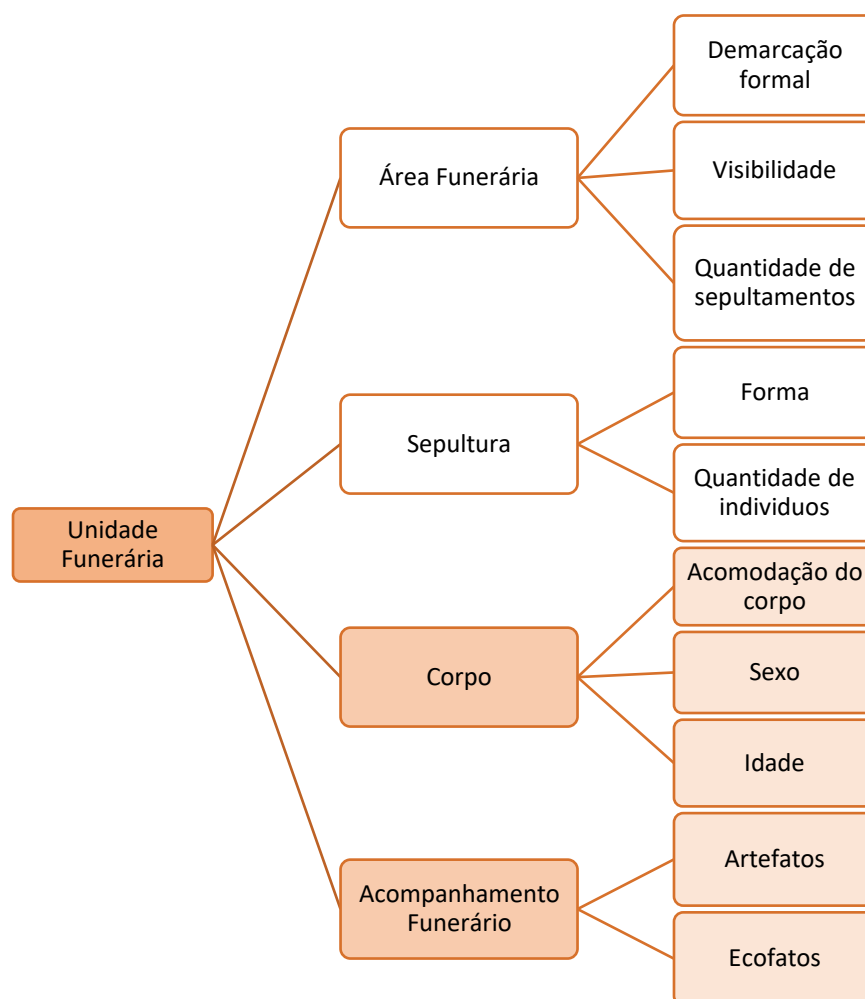


Figura 3: Diagrama da Unidade Funerária

Sepultura

Apesar das perturbações decorrentes da reutilização do espaço do sítio para os sepultamentos, a maior parte deles estava em boas condições, o que facilitou a observação das fossas funerárias e dos esqueletos durante as escavações (Lima 1985 2001). Todos os sepultamentos da Furna são simples, abrigando apenas um indivíduo por sepultamento. As covas são circulares distribuídas desde os 30 cm até 1,40 m de profundidade. O sepultamento primário foi um fator predominante para todas as idades, verificando apenas três sepultamentos secundários (um de idoso e dois adultos) e sete “restos de ossos”, notificando também os sepultamentos indeterminados, provenientes da perturbação e que impossibilitam a identificação do tipo de sepultamento.

Corpo

Os sepultamentos foram identificados por sexo feminino e masculino, e por classes de idades em crianças e adultos. Na categoria corpo – idade considerando crianças e adolescentes como indivíduos subadultos, compreendendo uma faixa etária desde o nascimento até 18 anos; adultos jovens indivíduos de 19 a 35 anos; indivíduos adultos alcançando de 36 a 50 anos; a partir de 50 anos como idosos, e por fim, os indivíduos indeterminados, nos quais as condições do material osteológico não permitiram a sua identificação. Contudo, não foi observado um local específico na Área Funerária distinguindo o sexo e a faixa etária.

Quanto à deposição do corpo verifica-se uma associação desta categoria com a idade, como um diferencial; os adultos e adolescentes sepultados em decúbito lateral, com a lateralidade sendo indiferente (Figura 4), e a recorrência das crianças em decúbito dorsal (Castro 2009).



Figura 4: Sítio Furna do Estrago. Sepultamentos FE 4 e FE 5. Indivíduos masculinos. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

Acompanhamento Funerário

O estudo dos acompanhamentos desenvolveu-se integrando duas principais variáveis – corpo (nas categorias de sexo e idade) e acompanhamento funerário, relacionando-as. Neste estudo foram considerados como acompanhamentos: os artefatos (adornos e demais objetos) constituídos de diferentes matérias-primas como osso e dentes de animais, fibra vegetal,

sementes, concha, mineral. Os tipos de artefatos podem ser instrumentos musicais (como apitos, flautas), artefatos cerimoniais ou de luta (como o tacape), e os adornos (contas, pingentes, pulseiras, braceletes). Alguns vestígios também estavam no contexto funerário como as cordas e cordéis.

As categorias de análise utilizadas englobam os aspectos técnicos, morfológicos e funcionais. Para os adornos a matéria-prima (mineral, ósseo, concha, vegetal), a técnica de manufatura, a forma (utilizando as formas geométricas elipsóide, circular e cilíndrica), o tratamento de superfície realizado (alisado, polido).

Ao abordar a ideia do acompanhamento funerário enquanto indicador cultural estas categorias permitem identificar os elementos constituintes desses objetos, que estão associados ao indivíduo, fazendo referência à identidade cultural do mesmo.

Resultados e Discussão

No estudo dos acompanhamentos funerários buscou-se identificar as recorrências e as distinções dos acompanhamentos funerários entre os indivíduos sepultados e em relação às variáveis biológicas, para inferir sobre os marcadores representativos, notificando se há alguma relação entre ambos.

Foram agrupados os tipos de acompanhamentos funerários encontrados separando as categorias de adornos das outras. A apresentação dos resultados é seguida por tipo de matéria-prima empregada em sua confecção e morfologia. Depois desenvolvendo associações entre sexo, idade e tipo de acompanhamento funerário e matéria-prima. Do total de sepultamentos exumados do sítio Furna do Estrago trinta e sete (37) (Tabela 2) possuem dados identificados e confiáveis sobre os acompanhamentos (Lima 2001; Castro 2009; Lima 2012).

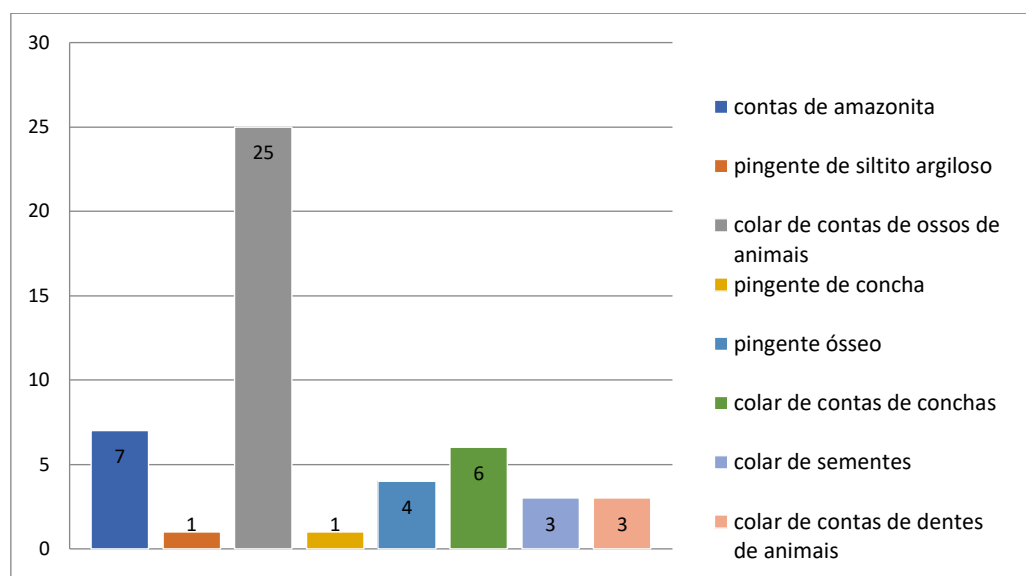
Tabela 1: Sítio Furna do Estrago, acompanhamentos funerários.

Sepultamento	Sexo	Idade/ Classe	Acompanhamentos Funerários
FE 2	Feminino	NI	Colar de contas de dentes de felinos, colar de contas de conchas
FE 3	Feminino	24-25	Colar de contas ósseas
FE 5	Masculino	40-47	Contas de amazonita, pingente em osso de cervídeo
FE 7	Feminino	+ 40	Colar de contas ósseas, colar de conchas, pingentes de caramujo
FE 8	Masculino	25-27	Colar de contas sementes de gindiroba (<i>Fevillea Trilobata</i>)
FE 10	Feminino	35 – 40	Fragmentos ósseos
FE 11	Masculino	45	Colar de contas ósseas, 1 flauta óssea
FE 13	Masculino	+ 40	Fragmentos ósseos
FE 15	Masculino	Adulto	Conta de amazonita, conta óssea
FE 19	Feminino	30-35	Colar de contas sementes de gindiroba (<i>Fevillea Trilobata</i>)
FE 20	Feminino	25-30	Pingentes de siltito argiloso
FE 22	Masculino	+ 50	Colar de contas de conchas, pingente em osso de crânio de primata
FE 24	Masculino	10	Colar de contas de osso delicadas
FE 32	Feminino	24-26	Colar de contas ósseas
FE 34A	Indeterminado	Recém Nascido	Contas de amazonita
FE 36	Indeterminado	Recém Nascido	Contas de amazonita
FE 39	Indeterminado	1	Colar de osso
FE 40	Indeterminado	9 meses – 1 ano	Colar de osso
FE 42	Feminino	25 – 30	Colar contas de ossos de ave
FE 45	Masculino	36-40	Tronco de árvore, tacape, colar de contas ósseas
FE 47	Masculino	17-18	Colar de contas ósseas, fragmentos ósseos
FE 51	Masculino	20-25	colar de contas ósseas
FE 55	Indeterminado	5-6	Colar de contas ósseas
FE 87.1	Masculino	Adulto	Colar de contas ósseas
FE 87.2	Indeterminado	Recém Nascido	Colar de contas de concha (<i>Olivella nívea</i>)
FE 87.3	Indeterminado	4-5	Colar de contas ósseas
FE 87.5	Feminino	35-45	Colar de contas ósseas
FE 87.6	Masculino	30-35	Colar de contas ósseas, Pingentes ósseos, fragmentos ósseos
FE 87.8	Masculino	Adulto	Colar de contas ósseas, colar de contas de sementes de pequi (<i>Caryocar coriaceum</i>)
FE 87.11	Masculino	30-35	Colar de contas ósseas, pingente ósseo
FE 87.12	Indeterminado	Adulto	Conta óssea
FE 87.13	Masculino	30-35	Colar de contas ósseas, contas de amazonita, colar de contas de conchas, dentes de animal
FE 87.14	Indeterminado	Criança	Conta óssea
FE 87.16	Indeterminado	Adulto	Flautas ósseas
FE 87.18	Masculino	30-35	Contas de amazonita, colar de conta de conchas, colar de contas ósseas
FE 87.21	Indeterminado	6	Colar de contas de dentes de felino
FE 87.23	Masculino	Adulto	Colar de contas ósseas

Fonte: Lima (1985a 2001); Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco; Fichas de campo.

Foram identificados, em sua maioria, adornos do tipo contas e pingentes, elaborados em matéria-prima mineral, vegetal e animal. A relação da quantidade distribuída por sepultamento é demonstrada no gráfico 1.

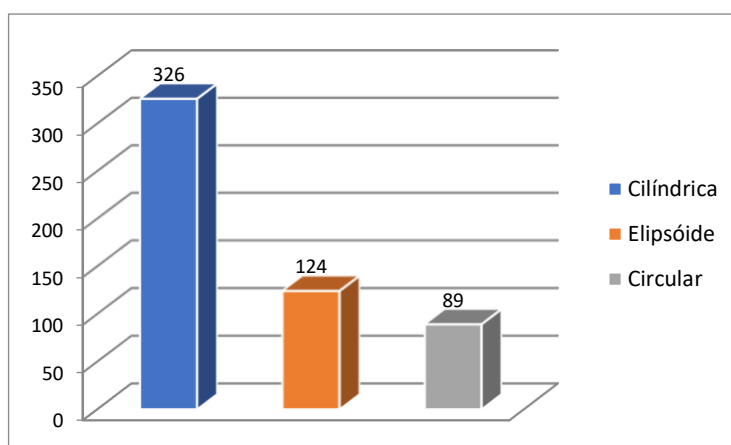
Gráfico 1: Quantidade e tipo de adornos evidenciados por sepultamento do Sítio Furna do Estrago.



Nos adornos existe uma diversidade quando ao tipo de matéria-prima, com a predominância do colar de contas ósseas como elemento recorrente. Os pingentes em siltito argiloso se destacam por serem únicos quanto ao tipo de matéria-prima e por estarem associados a apenas um indivíduo, sendo assim uma característica particular ao sepultamento FE 20. Constituem-se em sete pingentes, e destes, dois são diferentes por apresentar a ausência da perfuração em uma das extremidades do objeto, o que comumente se encontra para os adornos de tipo pingentes. Nestes casos os pingentes foram enlaçados ou amarrados por algum tipo de cordão no local marcado.

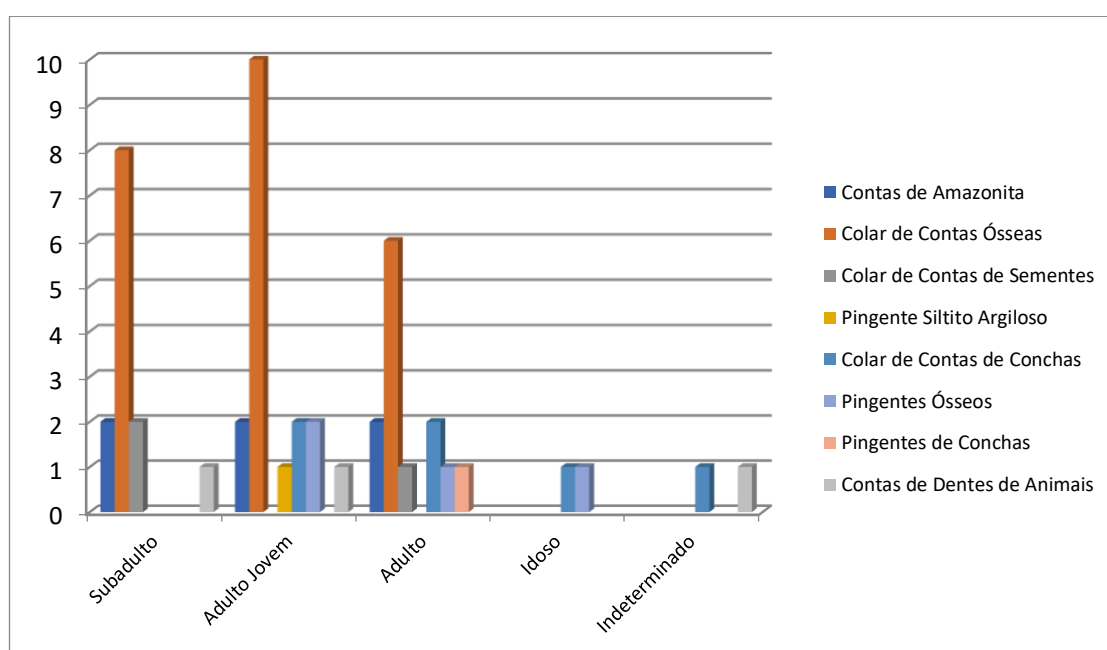
Quanto às contas, categoria mais recorrente, a sua morfologia se divide em elipsóide, circular e cilíndrica. O fator recorrente para morfologia desta categoria são as contas cilíndricas, como no gráfico 2.

Gráfico 2: Morfologia dos adornos em contas evidenciados nos sepultamentos do Sítio Furna do Estrago



Não foi observado uma correlação significativa entre as categorias de faixa etária e tipos de adornos (Gráfico 3), que estão representados proporcionalmente entre as faixas etárias, de maneira que há uma distribuição dos elementos mais recorrentes entre os indivíduos subadulto, adulto jovem e adulto, como é o caso do colar de contas ósseas. Verifica-se que as classes que se destacam em quantidade e variedade desses acompanhamentos são os adultos jovens e os adultos, indicando uma atenção maior voltada a essas categorias de idade por parte do grupo.

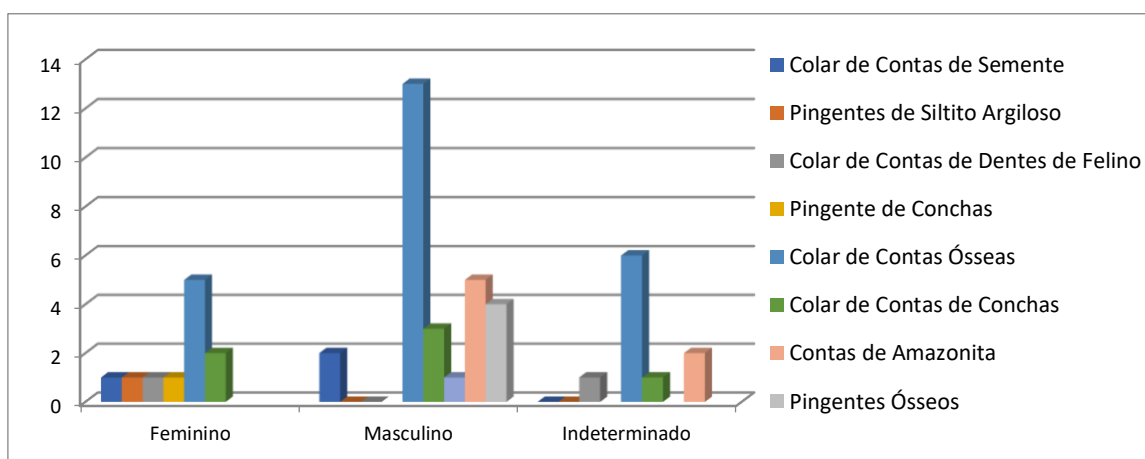
Gráfico 3: Relação entre faixa etária e acompanhamentos funerários da categoria adornos, no sítio Furna do Estrago.



Quanto ao indivíduo idoso (FE 22) não foi observado a presença de elementos em recorrência. O diferencial para tal sepultamento é a presença de um pingente produzido em osso de crânio de primata.

A associação entre sexo e acompanhamentos demonstra (Gráfico 4) que o único indivíduo adulto jovem que apresentava os pingentes de siltito argiloso pertence ao sexo feminino, enquanto que as contas de amazonita são pertencentes ao sexo masculino e aos indivíduos sem identificação quanto ao sexo (que são indivíduos subadultos, especificamente recém-nascidos).

Gráfico 4: Relação entre sexo e acompanhamentos funerários da categoria adornos do sítio Furna do Estrago.



Verificaram-se o número expressivo de 105 contas de sementes de pequi (*Caryocar coriaceum*), presentes no sepultamento FE 87.8. Por sua vez as contas elaboradas em sementes de gindiroba (*Fevillea trilobata*) totalizam em 49, distribuídas em apenas dois sepultamentos: 25 contas presentes no FE 8 (Figura 5) e 24 contas presentes no FE 19. Os colares de contas de semente, embora só evidenciados em três sepultamentos (FE 8, FE 19 e FE 87.8) são pertencentes a dois indivíduos do sexo masculino e um do sexo feminino, não demarcando uma relação entre a escolha da matéria-prima e o sexo.



Figura 2: Sepultamento FE 8, detalhe das contas produzidas em sementes de “gindiroba” (*Fevillea Trilobata*) utilizadas como adornos funerários. Sítio Furna do Estrago. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

Na correlação entre sexo e adornos percebe-se que o elemento de recorrência é o colar de contas ósseas, não havendo assim distinção. No entanto, observou-se uma variedade de acompanhamentos associados aos indivíduos de sexo masculino, com tipos particulares aos mesmos, como os pingentes ósseos (Figura 6A) e as contas de amazonita.

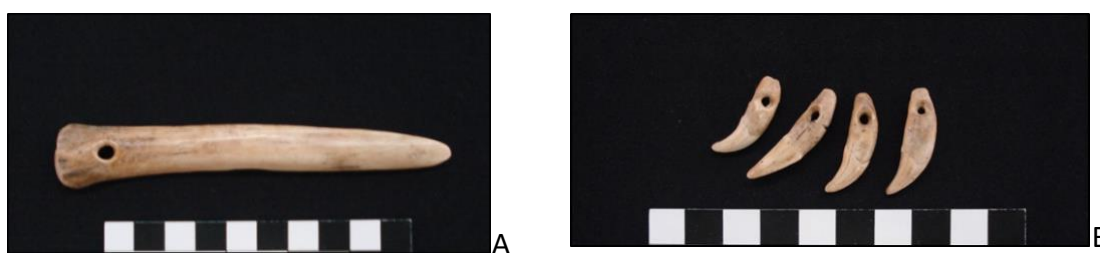


Figura 3: A. Pingente ósseo proveniente do sepultamento FE5; B. Contas de dentes de felinos provenientes do sepultamento FE 2, Sítio Furna do Estrago.

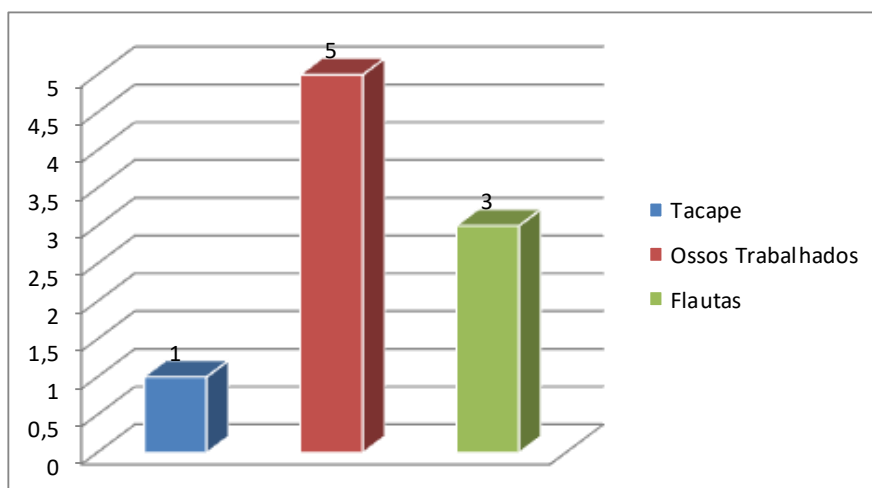
As contas de dentes de felinos (Figura 6B) é do sepultamento FE2 do sexo feminino; contudo, a ausência de identificação de sexo no outro indivíduo que portava tal tipo de objeto nos impede de afirmar se tal ocorrência estava relacionada apenas aos indivíduos femininos.

As contas de colar ósseas apresentam-se como o elemento de recorrência de maneira que abrangem de maneira homogênea sem estarem associados a alguma categoria específica de faixa etária ou sexo. São recorrentes na morfologia cilíndrica.

As técnicas de confecção e tratamento dos adornos são uniformes. Segundo Silva et al. (2014), essas técnicas consistem em ações promovidas no ato de elaboração e acabamento do objeto, que podem remeter a um estilo estético ou funcional. As ações comumente encontradas são os cortes, perfuração e polimento. As contas da Furna do Estrago são marcadas por cortes, perfuração central e polimentos; os pingentes caracterizados por serem polidos em toda superfície, apresentando uma superfície brilhosa, e perfuração em apenas uma das extremidades.

Outros tipos de acompanhamentos funerários podem estar relacionados a representações individuais dentro do grupo. Estão dispostos no gráfico 5.

Gráfico 5: Acompanhamentos Funerários – Outros objetos do sítio Furna do Estrago



Em relação ao tacape de madeira, Lima (2001) o conceitua como pedaço de madeira pesada com uma extremidade em maior volume, considerada uma arma indígena, podendo ser utilizado para abater inimigos e também animais. A presença do tacape de madeira apenas no sepultamento FE 45 pode estar associada às atividades praticadas pelo indivíduo perante o grupo, distinguindo-o dos outros indivíduos sepultados, o que indica ser uma característica particular a este sepultamento.

O sepultamento FE 45 (Figura 7) caracteriza-se por ser um indivíduo adulto jovem, sexo masculino, integra um sepultamento com materiais específicos, com a presença de um tacape

de madeira e um fragmento de tronco de árvore, sob o qual o crânio estava apoiado, como também elementos recorrentes, como o caso das contas ósseas.

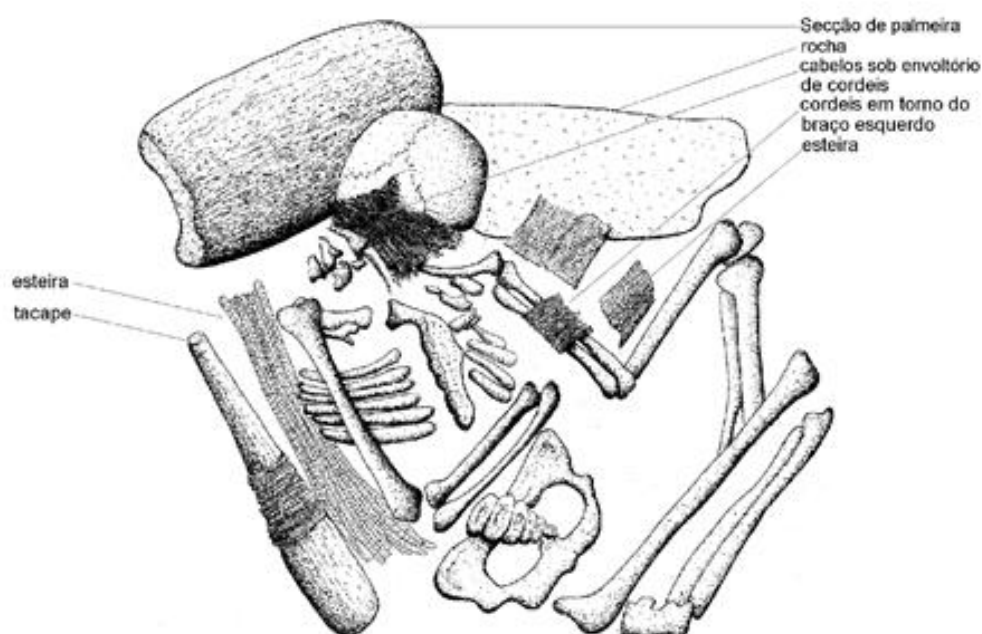


Figura 4: Desenho representando o sepultamento FE 45. As linhas indicam os materiais presentes no sepultamento. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

Há dois indivíduos com flautas ósseas, ambos adultos. Embora Lima (1985 2001) só faça referência a um indivíduo como flautista, o FE 11 (Figura 8). As duas flautas ósseas provenientes do sepultamento FE 87.16 foram encontradas no acervo em estado fragmentado, por consequência de sua reutilização em ocupações posteriores na Furna (Lima 1985). A associação da presença do instrumento musical elaborado em material ósseo apenas aos indivíduos adultos pode indicar que tal atividade era mais provável entre os indivíduos mais experientes. Tal acompanhamento não é recorrente nos outros sepultamentos, o que pode nos remeter as características do indivíduo.

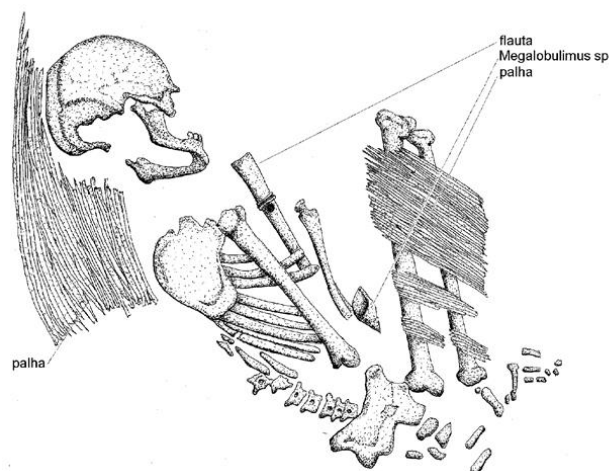


Figura 5: Desenho representando o sepultamento FE 11, denominado de “o flautista”. Linha indicando a localização da flauta óssea no sepultamento. Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

O sepultamento FE 45 configura-se como portador de elementos de representação individual e coletiva, confirmando a hipótese de que o contexto funerário abriga traços de representação inerentes ao grupo, como também as especificidades do indivíduo, sendo, portanto, representações coletivas e individuais. O sepultamento FE 11, do flautista, também confirma tal hipótese, visto que o mesmo possui elementos de recorrência individual, como a flauta óssea, e elementos de representação coletiva, as contas ósseas.

Observou-se nos instrumentos de madeira a existência de cortes para originar o formato desejado em toda superfície e nas extremidades; a única flauta óssea preservada (do FE 11) apresenta polimento na superfície, cortes, perfurações ao longo da superfície óssea, em uma das laterais, possuindo assim, técnicas semelhantes às de produção dos adornos.

Trançados e cordas

Em relação aos trançados há vestígios de esteiras, de prováveis cestos e fibras amarradas (Figura 9 A e B, Figura 10). Em relação às cordas há vestígios com tamanhos, circunferências e torcidos diferentes (Figura 11 A e B). De acordo com Lima (1985 e 2001; Fichas de campo) o uso das fibras vegetais é recorrente, e em geral está associada para compor ou forrar a sepultura antes da acomodação do corpo. Algumas foram utilizadas para envolver o corpo. As fichas de campo só possibilitaram uma identificação dos indivíduos que portavam esses acompanhamentos; em

algumas há a citação de sua distribuição no sepultamento, em outras só afirmam a presença (Tabela 3).

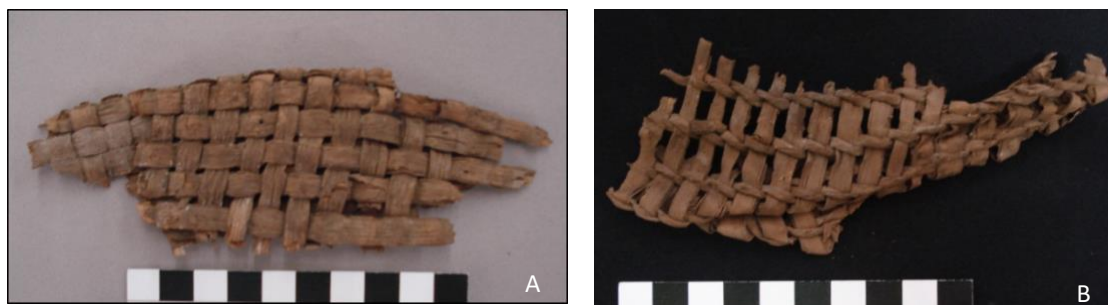


Figura 6: A. B. Tipos de trançado, sítio Furna do Estrago.



Figura 10: A. Tipo de trançado, sítio Furna do Estrago



Figura 11: A.e B. Vestígios de cordas, sítio Furna do Estrago.

Este material não possibilitou o desenvolvimento de análises devido à fragilidade das fibras vegetais, que se encontrava em um processo avançado de deterioração. Infelizmente a maior parte dos acompanhamentos desta natureza já foi parcialmente destruída, e os que ainda existem necessitam de um tratamento prévio, a fim de minimizar os danos ao material. A ausência de informações impossibilita assim a análise diante da relação de sexo e faixa etária, como foi realizado para os outros vestígios.

Tabela 2– Fibras vegetais presentes em contexto funerário. Sítio Furna do Estrago.

Sepultamento	Descrição das fibras vegetais
FE 1	Cova forrada por fibras vegetais, envolvimento no crânio
FE 2	Presença de palha
FE 3	Indivíduo envolvido em esteira e rede, amarrado por cordas e o crânio envolvido em palha
FE 5	Presença de palha na cova
FE 7	Vestígio de palha, presença de fibra vegetal com pele
FE 8	Envolvido em palhas grossas com fibras aderidas ao crânio
FE 11	Fibras vegetais forram a cova e cobrem os ossos das pernas
FE 12	Presença de palha
FE 13	Envolvido em esteira
FE 14	Cova forrada por fibras vegetais, presença de cabelos com resquícios de palha
FE 15	Forro de fibras vegetais. Presença de palha que cobre o esqueleto
FE 19	Presença de palha aderindo ao crânio
FE 20	Presença de fibra vegetal forrando a cova
FE 23	Palha envolvendo o esqueleto
FE 25	Presença de trançados no sepultamento
FE 28	Cordas de caroá

FE 30	Presença de esteiras forrando a cova e envolvendo integralmente o esqueleto amarradas a fibras vegetais e cordéis
FE 33	Palha aderindo toda a cabeça, presença de cordas finas nos fêmures
FE 34	Esqueleto envolvido em fibra vegetal. Palha envolvendo as pernas e os braços
FE 35	Esqueleto envolvido em fibra vegetal
FE 37	Fibra vegetal
FE 39	Envoltório de esteira
FE 40	Envoltório de esteira
FE 45	Presença de cordas de caroá, folhas secas
FE 47	Envolvido em fibras vegetais. Esteira envolvendo o esqueleto
FE 48	Presença de palha
FE 53	Forro de fibras vegetais na cova, palha grossa por cima do indivíduo
FE 56	Cova forrada por fibra vegetal
FE 87.2	Presença de cestarias em fibras vegetais
FE 87.3	Esteira forrando a cova por cima e por baixo
FE 87.5	Esteira presente na área do crânio
FE 87.6	Esteira forrando a cova. Trançado sobre cabeça do indivíduo.
FE 87.7	Presença de palha sobre os ossos longos
FE 87.8	Esteira forrando a cova, sob a esteira um forro de palha
FE 87.11	Vestígios de esteira
FE 87. 21	Vestígios de esteira

Fontes: Informações retiradas das Fichas de campo no Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco; e em Lima (1985 2001).

Como síntese geral, os resultados indicam a presença de elementos recorrentes, como a matéria-prima óssea, empregada não apenas na elaboração dos adornos, mas de outros tipos de acompanhamentos (60%); com exceção das fibras trançadas as técnicas de tratamento de superfície e manufatura são inerentes aos demais tipos de acompanhamentos, onde o polimento, o corte e a perfuração são os meios utilizados para se chegar ao objeto desejado; o acompanhamento funerário de maior recorrência é o colar de contas ósseas (60%) com a morfologia cilíndrica predominante (Figuras 12 A e 10 B).

Em relação aos materiais orgânicos há os trançados, esteiras, palhas e cordéis e foram identificados, de acordo com as fichas de campo, com recorrência entre os sepultamentos da Furna do Estrago, muitas vezes associados à função de envoltórios funerários. São considerados elementos de representação coletiva por estarem presentes em indivíduos de todas as faixas etárias e todos os sexos (Castro 2009).

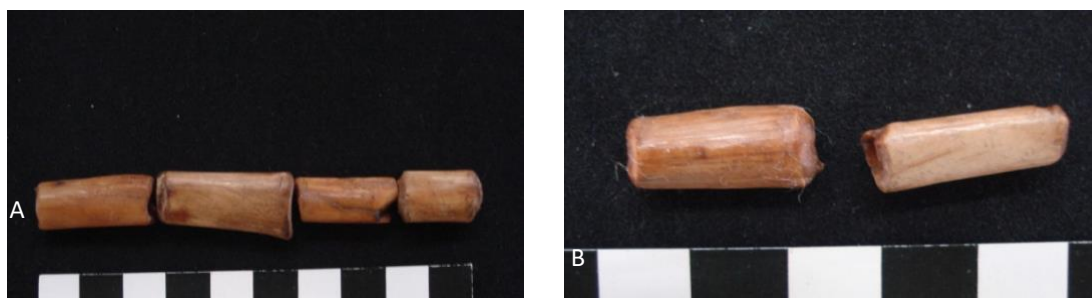


Figura 12: A. Contas ósseas cilíndricas provenientes do sepultamento FE 47; B. Contas ósseas cilíndricas provenientes do sepultamento FE 32. Sítio Furna do Estrago.

Os elementos não recorrentes podem remeter a atividades desenvolvidas pelo indivíduo, como a própria representação deste diante do grupo. São elencados para esta categoria as contas de amazonita (Figura 13A), pingentes ósseos (Figura 13B), as contas e pingentes de conchas (Figura 13C), o tacape, flautas ósseas, pingentes de silito argiloso, os fragmentos ósseos, contas de dentes de felinos, contas de sementes, tronco de árvore, o que podem retratar aspectos relativos à mobilidade do grupo, no quesito obtenção de matéria-prima, sobretudo, as que não são encontradas na região, complexidade social, podendo alguns acompanhamentos estar relacionados a status, diferenciação de sexo. Os resultados obtidos nos confirmam a potencialidade informativa dos acompanhamentos funerários.



Figura 13: A. Contas de Amazonita provenientes do sepultamento FE 5; B. Pingente ósseo proveniente do sepultamento FE 87.11; C. Pingentes em concha proveniente do sepultamento FE 7, sítio Furna do Estrago.

Acompanhamentos Funerários como Marcadores Coletivos

Os acompanhamentos funerários, enquanto resquícios da cultura de determinado grupo, apresentam traços de representação impressos na materialidade, e podem nos fornecer dados sobre os aspectos sociais do mesmo, indicando inclusive o seu desenvolvimento tecnológico. A percepção destes elementos é notada através da relação de semelhanças e diferenças, onde a semelhança indica recorrência, recaindo sobre aspectos coletivos, enquanto que as especificidades são interpretadas como representações individuais.

A recorrência foi observada nos aspectos técnicos, morfológicos e funcionais dos acompanhamentos em relação aos aspectos biológicos, sobretudo de determinação de idade e sexo, em associação aos sepultamentos provenientes da ocupação do sítio como cemitério, expostos nos resultados desse trabalho.

O sítio Furna do Estrago remete a coletividade por ser um cemitério representativo de toda população, pois neste espaço foram sepultados pessoas de todas as idades e sexos, e, tal aspecto transmite a noção de unidade, continuidade e pertencimento, aspectos constituintes da memória. O espaço funerário é considerado um lugar de memória por ser um local que permite a rememoração e ali estão impressas as representações de um grupo.

Quanto às representações individuais, destacam-se o indivíduo FE 87.16 por estar acompanhado por duas flautas ósseas fragmentadas, e o sepultamento FE 11, conhecido como “flautista”. Tal tipo de acompanhamento é considerado um elemento não recorrente, por ser associado a apenas dois indivíduos.

Outra representação individual são as contas de sementes, que acompanham apenas três indivíduos (FE 8, FE 19 e FE 87.8). Rodrigues (1997) segundo suas análises quanto ao perfil dento-patológico associa o surgimento deste tipo de adorno a um período de aumento populacional verificado com a perda dentária decorrente da abrasão e das cáries, sugerindo, portanto, a exploração de novos recursos vegetais para a dieta do grupo (Meneses 2006).

Os colares de contas de semente de pequi (*Caryocar coriaceum*), e de gindiroba (*Fevillea trilobata*), embora só evidenciados nesses três sepultamentos (FE 8, FE 19 e FE 87.8) são pertencentes a indivíduos do sexo masculino e feminino, não demarcando uma relação entre a escolha da matéria-prima e o sexo.

Meneses (2006) sugere também a atribuição das sementes de gindiroba ao uso medicinal, no alívio de dores e faz associação desta funcionalidade, aos resultados dos estudos de paleopatologia que indicam que a população sepultada na Furna era acometida por artroses (Lima 2001).

A recorrência na categoria de adornos é para contas de matéria-prima óssea, em formato cilíndrico em alguns indivíduos associados a elementos não recorrentes (como tacapes, flautas

ósseas, tronco de madeira) o que indica a intenção de materializar as características do grupo, a noção de pertencimento ao grupo, mesmo se distinguindo de outros indivíduos a partir de objetos mais específicos. É indicado como um elemento de representação coletiva, por estar presente em sepultamentos de todas as idades e sexo.

Contas e pingentes em conchas marinhas são associados por Lima (2001) a mobilidade do grupo. Não são considerados como elementos de representação coletiva, por não serem recorrentes em distribuição para uma quantidade significativa de sepultamentos.

As contas elaboradas sobre dentes de felinos, pingentes em siltito argiloso, pingentes em conchas são considerados como elementos de representação individual por não estarem relacionados a relações de sexo e/ou faixa etária, não sendo uma constante, existindo em pequeno número no contexto funerário.

As contas de amazonita aparecem associadas aos indivíduos do sexo masculino e dois de sexo indeterminado, que são recém-nascidos. Seu uso restrito a indivíduos masculinos sugere a possibilidade de desempenhar algum papel de prestígio, enquanto que os recém-nascidos podem indicar alguma relação de parentesco entre estes.

Em relação aos trançados, esteiras, palhas, cordéis, apresentam recorrência entre os sepultamentos de todos os níveis da Furna do Estrago, muitas vezes associados à função de envoltórios funerários. Sua função também é recorrente sendo em sua maioria utilizados como forro para as covas, amarrando o indivíduo na altura dos ossos longos, ou envolvendo todo o corpo do indivíduo.

Os acompanhamentos funerários são representados proporcionalmente entre as faixas etárias, não sendo este um indicador de diferenças, que leve neste momento a inferências quanto a esta categoria.

Quanto à técnica de confecção e tratamento percebe-se que, tanto os sepultamentos que comportam acompanhamentos funerários com traços de representações individuais (os que não têm recorrência), como também os que são considerados como elementos de uma representação coletiva, possuem os mesmos tipos de técnicas empregadas na elaboração dos diversos acompanhamentos, estando associados aos aspectos culturais do grupo, repassando

as tradições e os modos de fazer. Os resultados confirmam que as sepulturas que comportam acompanhamentos funerários são constituídas por elementos de representação coletiva com os colares de contas ósseas e as fibras trançadas.

As associações entre as variáveis culturais e biológicas foram desenvolvidas no intuito de verificar se houve alguma determinação diferencial por parte de alguma categoria, como sexo ou idade. É relevante trazer a tona o potencial informativo dos acompanhamentos funerários, como elementos presentes e constituintes dos rituais funerários, estando estes aprovados na seleção dos objetos escolhidos para acompanharem o indivíduo morto, remetendo assim a algum significado.

Ao analisar as funções dos acompanhamentos, há objetos de caráter ornamental e decorativo, como também de envolvimento para o corpo ou de delimitação do espaço da cova; mas quanto ao papel, à presença destes remete a noção de representação, por estarem conectados a um sistema social, e a memória coletiva. Em alguns sepultamentos a presença de acompanhamentos específicos remete para as características pessoais do indivíduo. Porém, em todos há a recorrência dos elementos coletivos, indicando que indivíduos foram sepultados com acompanhamentos que os identifiquem dentro de seu grupo, fazendo menção ao pertencimento do mesmo, mas, acrescentando elementos individuais, particulares às especificidades do indivíduo.

Conclui-se, portanto, que os acompanhamentos funerários são dotados de significados confirmando seu potencial informativo.

Referências

ALENCAR, R. O. 2015. Estudo osteoarqueológico das remodelações articulares nos adultos jovens inumados no cemitério pré-histórico da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

AZEVEDO NETTO, C. X. 2010. Fragmentação da informação arqueológica no Estado da Paraíba: situação atual e perspectivas. In: AGUIAR, R. L. S. et al. (org.), Arqueologia, Etnologia e Etno-história em Iberoamérica: fronteiras, cosmologia, antropologia em ação. Dourados: Editora da UFGD, pp. 319-352.

CARDOSO, C. E. 2011. Animais associados aos sepultamentos humanos nos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Sergipe sob uma óptica zoológica. Monografia (Bacharelado em Arqueologia). Núcleo de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe.

CARVALHO, O. A. 1992. Espodilólise e variações morfológicas congênitas identificadas na população pré-histórica da Furna do Estrago, Pernambuco. Symposium, 34. 180 – 195.

CARVALHO, O. A. 1995. Análise das anomalias de desenvolvimento na população pré-histórica do sítio Furna do Estrago, Pernambuco, Brasil. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

CARVALHO, O. A.; QUEIROZ, A. N.; MORAES, F. A. A. 2007. Diagnóstico diferencial entre fatores tafonômicos, anomalias de desenvolvimento, e casos patológicos nos crânios exumados do sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil. Canindé, 10, 27 – 49.

CASTRO, V. M. C. 2009. Marcadores de Identidades Coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil. Tese (Doutorado em Arqueologia), Programa de Pós Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CISNEIROS, D. 2004. Práticas funerárias na Pré-História do Nordeste do Brasil. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CRUZ, P. S. 2012. Ritual Funerário do Sítio São José II e o acompanhamento das sepulturas, Delmiro Gouveia, Alagoas. Monografia (Bacharelado em Arqueologia), Núcleo de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe.

GOMES, G. C. 2012. Entre fibras e tranças, a morte descansa: morte, ritual e fibras trançadas como indicadores culturais em sepultamentos indígenas. Monografia (Bacharelado em Arqueologia e Conservação da Arte Rupestre), Centro de Ciências da Natureza, Universidade Federal do Piauí.

GUIDON, N.; LUZ, F. 2009. Sepultamentos na Toca do Enoque, Serra das Confusões - PI. FUMDHamentos, 8, 116-123.

LEITE, L. 2011. O Perfil funerário do sítio pré-histórico Toca da Baixa dos Caboclos – Sudeste do Piauí – Brasil. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Programa de Pós-graduação em Arqueologia (PPGARQ), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife.

LEITE, M. N.; CASTRO, V. M. C.; CISNEIROS, D. 2014. Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE: Reflexões sobre o lugar dos mortos na paisagem. Fumdhamentos, 11, 50-64.

LIMA, D. V. R.; CASTRO, V. M. C.; MORAES, F. A. A. 2019. O sítio Furna do Estrago em Pernambuco: uma análise de gênero. Revista de Arqueologia, 32, 104-118.

LIMA, D. V. R. 2012. Sobre morte e gênero: Uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos sítios Justino – SE e Furna do Estrago – PE. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Programa de Pós Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

LIMA, J. M. 1984a. Pesquisa arqueológica no município do Brejo da Madre de Deus - Pernambuco. Symposium, 26, 9-60.

LIMA, J. M. 1984b. Arqueologia do Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. Clio Arqueológica, 6, 91-94.

LIMA, J. M. 1985a. Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus - Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural), Programa em Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

LIMA, J. M. 1985b. Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – PE. Clio Arqueológica, 7, 97-111.

LIMA, J. M. 2001. El sitio arqueológico Furna do Estrago – Brasil: Em uma perspectiva antropológica y social. Tesis (Doctorado en Antropología) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, México.

LUZ, M. de F. 2014. Práticas funerárias na área arqueológica da Serra da Capivara, Sudeste do Piauí, Brasil. Tese (Doutorado em Arqueologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MARTIN, G. 1994. Os rituais funerários na pré-história do Nordeste. Clio Arqueológica, 10, 29-45.

MARTIN, G. 2008. Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária da UFPE.

MELLO E ALVIM, M. C.; MENDONÇA DE SOUZA, S. M. 1984. Os esqueletos humanos da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil. Clio Arqueológica, 6, 95-98.

MENDONÇA de SOUZA, S. M.; MELLO e ALVIM, M. C. 1992. A população pré-histórica da Furna do Estrago: adaptação humana ao Agreste Pernambucano. Symposium, 34, 123 – 145.

MENDONÇA de SOUZA, S. 1995. Estresse, doença e adaptabilidade: estudo comparativo de dois grupos pré-históricos em perspectiva biocultural. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

MENEZES, A. V. A. 2006. Estudo dos macro-restos vegetais do sítio arqueológico Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Programa de Pós Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MORIN, E. 1997. O Homem e a Morte. Rio de Janeiro: Imago.

OLIVEIRA, M. M. B. M.; CASTRO, V. M. C. 2013. Estudo das práticas funerárias dos enterramentos infantis do sítio Furna do Estrago, Pernambuco. In: XXI Congresso de Iniciação Científica da UFPE, Anais do XXI Congresso de Iniciação Científica da UFPE, Recife.

O'SHEA, J. 1984. Mortuary Variability: an archaeological investigation. New York: Academic Press (Studies in Archaeology).

RODRIGUES, C. D. 1997. Perfil dento-patológico nos remanescentes esqueléticos de dois sítios pré-históricos brasileiros: o cemitério Furna do Estrago (PE) e o sambaqui de Cabeçuda (SC). Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

SANTOS, C. F. 2020. Adornos Corporais no Nordeste do Brasil: tecnologias, usos e funções 2020. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SILVA, J. A. 2010. Diversidade de adornos encontrados nos sepultamentos do sítio Justino e a sua relação com a Arqueotanatologia. Monografia (Bacharelado em Arqueologia), Núcleo de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe.

SILVA, J. A. 2013. O corpo e os adereços: Sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerário. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SILVA, J. A.; CARVALHO, O. A.; QUEIROZ, A. N. 2014. A cultura material associada a sepultamentos no Brasil: Arqueologia dos Adornos. *Clio Arqueológica*, 29, 45 – 82.

SILVA, J. A. 2017. Ambientes funerários e a contribuição para novas leituras arqueológicas: adornos em sepulturas humanas do sítio Justino/SE, como evidência do contato nativo americano/europeu. Tese (Doutorado em Arqueologia), Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras.

SILVA, S. F. S. M. 2005-2006. Terminologias e Classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: Exemplos e Sugestões. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 15-16, 113–138.

SOARES, T. M. 2019. Acompanhamentos funerários do Sítio Lajedo do Cruzeiro - Pocinhos / PB: identificação e caracterização das contas de colar e pingente. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia.

SOUZA, S. M. 2018. Arqueologia funerária e a Furna do Estrago. *Clio Arqueológica*, 33, 44-92.

VAN GENNEP, A. 2011. Os Ritos de Passagem. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes.

VERGNE, M. C. S. 2005. Cemitérios do Justino – estudo sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe: MAX.